

LISBOA ACOLHEU O 3º ENCONTRO DA REDE DE ENSINO PORTUGUÊS NO ESTRANGEIRO

P. 20-21

Professores do EPE partilharam experiências e mútuo conhecimento



Expandir a rede do Ensino Português no Estrangeiro é o propósito do Governo, sendo “um objetivo perfeitamente exequível”, afirmou o Ministro dos Negócios Estrangeiros. Augusto Santos Silva falava na abertura do 3º Encontro da Rede de Ensino Português no Estrangeiro, que decorreu na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa. Subordinado ao tema ‘A mediação no Ensino Português no Estrangeiro’, reuniu mais de cem professores da rede EPE.

ALEMANHA

P. 21

‘Ver Lisboa’ reúne serigrafias sobre a capital portuguesa



LUXEMBURGO

P. 21

Mostra inédita de trabalhos de Vasco Futscher em cerâmica e papel



ÍNDIA

P. 21

Portugal participa em evento sobre literatura

De 26 a 28 de setembro de 2018 vai decorrer em Nova Deli o evento ‘Long Night of LiteratureS 2018’. Portugal será representado por Suneeta Peres Costa, que falará sobre sua obra ‘Saudade’.

NO PRÓXIMO ANO LETIVO

Novidades no EPE em várias Coordenações de Ensino



Em França abre, em setembro, uma secção internacional de português em Bry-sur-Marne, enquanto em Espanha, será assinado um memorando de entendimento entre o Camões, I.P. e a Comunidade Autónoma de Castela e Leão. No Luxemburgo, o ensino do português a nível secundário, como disciplina de opção, será oferecido em quatro liceus. E nos EUA o desafio está na contínua integração do português no ensino público. P. 22

ALUNOS CANADIANOS FREQUENTARAM EM LISBOA UM CURSO DE VERÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

“Este curso fez-me ter vontade de continuar a estudar português”



Este ano, e pela primeira vez, o Curso de Verão de Português Língua Estrangeira, ministrado na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, foi frequentado por um grupo de estudantes universitários canadianos, maioritariamente oriundos da Universidade de Toronto e todos residentes naquela cidade. P. 22

LISBOA ACOLHEU O 3º ENCONTRO DA REDE DE ENSINO PORTUGUÊS NO ESTRANGEIRO

Professores do EPE reuniram-se para partilhar e

Expandir a rede do Ensino Português no Estrangeiro é o propósito do Governo, sendo “um objetivo perfeitamente exequível”, afirmou o Ministro do Ensino Português no Estrangeiro (EPE), que decorreu no dia 23 de julho na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, subordinado ao

Antes do Ministro dos Negócios Estrangeiros falou o administrador da Fundação Calouste Gulbenkian, que, no seu discurso de acolhimento, sublinhou o empenho daquela instituição na afirmação da língua portuguesa “num contexto de diversidade”. Guilherme de Oliveira Martins defendeu que o português irá afirmar-se “como um das línguas de maior desenvolvimento no próximo século”.

De seguida, dirigindo-se aos mais de 100 docentes da rede EPE presentes no encontro, Augusto Santos Silva disse que os “cinco ou seis milhões de portugueses e lusodescendentes que vivem um pouco por todo o mundo também são, eles próprios, uma das razões que levam a que o português seja uma língua global, falada virtualmente em todo o mundo”.

Augusto Santos Silva defendeu a combinação “da rede EPE com as redes de português curricular no ensino básico e secundário de diferentes países”, mas assumiu que a integração da língua portuguesa nos currículos escolares de diferentes países, assim como o seu desenvolvimento no ensino superior, não significa “pôr em questão ou menorizar esta área específica do ensino português no estrangeiro”.

“Trata-se sempre de estabilizá-la, consolidá-la, reforçá-la”, sublinhou, assegurando que os efeitos positivos são recíprocos. “Uma boa rede de ensino português no estrangeiro ajuda à disseminação do português como opção curricular nos respetivos ensinamentos e inversamente”, considerou.

Neste momento o Camões - Instituto da Cooperação e da Língua (Camões, I.P.) coordena uma rede responsável pelo EPE em 17 países de quatro continentes, em diferentes modalidades. Compreende quase 70 mil alunos e 940 professores.

“Podemos ir consolidando esta rede”, disse Augusto Santos Silva, lembrando que se dirige “prioritariamente” às famílias das comuni-

dades portuguesas, mas integra também, “e cada vez mais”, crianças e jovens oriundos da diáspora de outros países lusófonos.

A esta rede, como tinha frisado anteriormente o ministro, acresce a oferta de ensino da língua portuguesa inserida no currículo escolar de diferentes países. Nessa vertente, anunciou que um total de 25 países na Europa, África e América oferecem o ensino do português nos currículos escolares.

Há cinco países africanos que garantem já a oferta curricular do português e mais cinco americanos. A estes juntam-se 15 países europeus que oferecem português como língua estrangeira nos currículos da sua educação básica ou secundária e alguns desses são países “onde a rede EPE não existe, como a Croácia, República Checa e Noruega, e outros onde a rede EPE também está implementada”, revelou o ministro, defendendo que “a combinação entre as duas redes vai ser cada vez mais importante”.

Quanto ao objetivo de aumentar a rede de países com o ensino de português no currículo escolar, Augusto Santos Silva lembrou que os 22 países da Conferência Ibero-Americana (19 da América Latina e Portugal, Espanha e Andorra, na Europa) têm o compromisso de proporcionar o ensino da outra língua (português ou espanhol, consoante o caso). Compromisso assumido também pelos 18 Estados que são observadores associados da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP).

CERTIFICAÇÕES AUMENTAM MAS NÚMERO AINDA É “INSUFICIENTE”

Espanha pode ser apontado como exemplo de um país onde cresce a procura pelo português integrado no currículo escolar, o que pode ser comprovado pelo aumento de alunos a fazer os exames de certificação da língua.

“A certificação das aprendizagens no EPE

está estável: os alunos matriculados realizam o exame. Agora, há um aumento da certificação do português como língua estrangeira, onde temos um público cuja faixa etária vai dos 16 anos em diante e que estudam o idioma por questões profissionais ou, por exemplo, para frequentar Erasmus em Portugal”, revela a Coordenadora do EPE em Espanha e Andorra.

Filipa Soares dá como exemplo, as várias empresas públicas espanholas com funcionários a aprender português. “É o caso da Renfe, uma das entidades públicas que explora a rede ferroviária espanhola, cujos trabalhadores que fazem a ligação Vigo-Porto estão a formar-se connosco e fazem depois a certificação das suas competências linguísticas”, conta.

Sobre este progresso de valorização das aprendizagens, Augusto Santos Silva disse que “tem progredido o número de alunos que fazem a certificação”, mas defendeu que “ainda é insuficiente”. E deu, como “exemplar” a experiência nos EUA, onde recentemente a acreditação da língua portuguesa passou a ser feita através dos exames *NEWL* (Exames Nacionais em Língua Estrangeira, na tradução em português).

Os *NEWL* avaliam as competências linguísticas de alunos a partir do 9º ano, ou com 14 anos completos, em cinco idiomas: árabe, chinês, coreano, russo e, desde o ano passado, também em português. Estes exames realizados pela *American Councils for International Education* (Conselho Americano para a Educação Internacional), são reconhecidos pelo *College Board*, a entidade máxima nos EUA que confere créditos para o ensino superior.

“A acreditação da língua portuguesa através dos exames *NEWL* passou assim a contribuir para valorizar os conhecimentos no idioma e a garantir a validação de créditos nesta disciplina, tanto no ensino secundário, como no acesso ao ensino superior nos EUA”, ex-



plica o Coordenador do EPE naquele país. “O português nunca tinha ‘entrado’ como disciplina de certificação para obtenção de créditos na candidatura ao ensino superior, mas passou a ser considerado, a par de outros idiomas, como língua emergente ou crítica para os EUA”, acrescenta João Caixinha, lembrando que a própria Secretária de Estado norte-americana para a Educação, Betsy DeVos, “declarou o português como uma língua emergente naquele país”.

O projeto piloto foi iniciado em 2016, com o Camões, I.P., através da Coordenação de Ensino, a ajudar o *American Councils for International Education* a produzir o exame. “Em 2017 houve 11 escolas que se candidataram, a nível nacional, para ser centros de exame e tivemos 55 alunos a fazê-lo. Este ano, quadruplicamos o número de alunos: 215 a nível nacional a fazer o exame em 16 escolas. É uma diferença muito grande e significativa, porque queremos valorizar os conhecimentos em língua portuguesa no sistema público americano”, congratula-se João Caixinha.

Novidades no EPE para 2018-2019

O próximo ano letivo trará novidades um pouco por todo o mundo. Em França, a Coordenação iniciou, em 2017-2018, o ensino do português em duas secções internacionais, uma no Collège Vauban, em Estrasburgo, outra no Collège Lucien Cézard, em Fontainebleau. “Em setembro vai abrir uma secção internacional em Bry-sur-Marne, na periferia de Paris, onde há uma fortíssima comunidade portuguesa e onde os cursos EILE estão bem implantados no ensino primário, e isto é uma continuidade extremamente importante”, sublinhou Adelaide Cristóvão à margem do Encontro.

Já em Espanha, a grande novidade será a assinatura do memorando de entendimento entre o Camões, I.P. e a Comunidade Autónoma de Castela e Leão. “Estamos nas últimas etapas de negociação, demos um salto qualitativo e já conseguimos chegar a um texto final. Se tudo correr bem em setembro ou outubro assinaremos o memorando”, revelou Filipa Soares. O português já é ensinado como língua estrangeira naquela região autónoma, mas passará a sê-lo de uma forma mais abrangente. “E, sobretudo, o estatuto da língua, ainda que integrado no sistema, passa a ser mais valorizado”, acrescentou.

No Luxemburgo, onde a língua portuguesa foi ensinada a 2.800 alunos por 25 professores em 2017-2018, no próximo ano letivo a tendência será de chegar a cerca de 2.900 alunos, desde o pré-escolar ao ensino superior, avançou Joaquim Prazeres. Haverá ainda reforço em algumas modalidades de ensino. “Para além do ensino complementar, o paralelo é outra das modalidades que estamos a trabalhar para reforçar, com o aumento do número de inscritos e a diversificação dos locais. E estamos a apostar no ensino secundário. É uma aposta que até aqui não tem sido feita”, explicitou.

Um primeiro passo está a ser dado em liceus de prestígio no Luxemburgo, como é o caso do Liceu Vauban, uma escola privada. “O nosso objetivo é ‘entrar’ nos liceus e sensibilizar a comunidade e os alunos que estão neste momento no ensino secundário, para a importância do português. E criar o gosto pela aprendizagem do português no Luxemburgo”, referiu ainda, revelando que o ensino do português a nível secundário, como atividade de opção, será oferecido em quatro liceus do país, no ano letivo que se inicia em setembro.

Nos EUA, onde há 18 mil alunos a aprender português,

nos níveis básico e secundário e cerca de 9.500 no superior, o desafio para 2018-2019 está no ensino público. “Queremos integrar o mais possível o português no currículo americano e para isso temos de apostar em memorandos de entendimento com os distritos escolares e com os departamentos de educação”, avançou João Caixinha.

E na Austrália, onde o ano letivo só termina em dezembro, o foco esteve na ‘estabilização’ das escolas, disse a coordenadora do EPE naquele país. “Recentemente abrimos cinco novas escolas e atualmente em todos os estados da Austrália há uma escola de língua portuguesa. A ‘estabilização’ dessas escolas passa pelo financiamento estadual, ou seja, a Coordenação de Ensino e os professores concorrem a bolsas atribuídas pelo Estado australiano e todas as escolas neste momento têm financiamento”, explicou Susana Teixeira-Pinto.

Os números mais recentes apontam para 650 alunos, nos ensinamentos básico e secundário, “mas com perspectivas de crescermos para os próximos anos, já que temos uma grande associação de professores, que reúne docentes portugueses, brasileiros e timorenses”, defendeu.

xperiências e mútuo conhecimento

Ministro dos Negócios Estrangeiros. Augusto Santos Silva falava na abertura do 3º Encontro da Rede de tema 'A mediação no Ensino Português no Estrangeiro', e reuniu mais de cem professores da rede EPE.



OS EXEMPLOS DE FRANÇA E LUXEMBURGO

Para a consolidação da rede EPE, haverá “um aumento das responsabilidades” em vários planos, anunciou Augusto Santos Silva aos professores, no Encontro. Tal passará, para além da certificação e credenciação das aprendizagens, pelo reforço do Camões, I.P., pela qualificação do ensino, pela “boa combinação” entre educação presencial e educação à distância e pelo “casamento duradouro entre esta própria rede e as outras presenças da língua portuguesa no ensino secundário nos países em que as comunidades estão presentes”. Uma linha de orientação que tem já consequências práticas, mas que devem ser acompanhadas “com muita atenção” por parte do Governo português.

O ministro referia-se ao processo de implementação do acordo celebrado em 2017 entre Portugal e França, nos termos do qual o enquadramento do português naquele país passou do âmbito de ensino como língua de herança (ELCO) para ensino como língua estrangeira (EILE). “Foi muito importante que o acordo tivesse sido assinado, mas é preciso ver na prática como esta transição está a ser feita porque o que nos interessa é mais mudar a realidade do que propriamente o nome”, alertou.

O acordo entrou em vigor no ano letivo de 2017-2018 e tem havido uma procura bastante grande dos cursos EILE, com uma subida da percentagem dos alunos que não são de origem portuguesa, revela a Coordenadora do EPE em França. “Os pais de origem portuguesa têm a enorme preocupação de que os filhos aprendam português, para eles é muito importante transmitir essa herança cultural. A procura é muito grande. Também há procura em regiões com comunidades caboverdianas, angolanas. O que é interessante é a procura, por parte de franceses e de originários de outras nacionalidades, deste ensino internacional de línguas”, explica Adelaide Cristóvão.

A responsável concorda que a questão da continuidade, “que é bastante importante, e que deve ser assegurada pela parte francesa”, será o trabalho e investimento a fazer por Portugal daqui por diante, mas revela que “há pedidos em toda a França”. Assegura que o Minis-

tério da Educação francês começa a “mostrar-se muito sensível à importância da língua portuguesa, no ensino público”. A provar este interesse está o pedido feito pelo governo francês para entrar como país observador na CPLP.

Outra implementação que para o Ministro dos Negócios Estrangeiros deve ser acompanhada com cuidado refere-se aos novos cursos complementares criados no Luxemburgo para resolver um impasse que estava a verificar-se na plena integração do ensino português no Grão-Ducado. Trata-se de criar condições para que as crianças e jovens oriundos de famílias portuguesas possam aprender português e que essa aprendizagem seja certificada. “Combater o insucesso escolar é um dos objetivos dos cursos complementares” num país onde há escolas nas quais “60% dos alunos são de origem portuguesa”, destacou o Coordenador do EPE naquele país numa intervenção durante o Encontro, na qual foi apresentado o desenvolvimento curricular destes novos cursos.

No ano letivo de 2017-2018 foram realizados 45 cursos complementares, ministrados por 12 professores do EPE a 511 alunos, em 10 escolas de três autarquias luxemburguesas (Esch-sur-Alzette, Cidade do Luxemburgo e Remich). Para o próximo ano letivo, as previsões da Coordenação de Ensino apontam para 582 alunos, 13 professores e 54 cursos em 12 escolas de cinco autarquias - com Echternach e Vianden a juntarem-se às três onde os cursos decorreram no ano letivo que agora terminou.

REFORÇO DO CAMÕES, I.P. E APOSTA NO ENSINO À DISTÂNCIA

Quanto ao plano de reforço do Camões, I.P., entre outras medidas o Ministro dos Negócios Estrangeiros referiu a recente reforma da estrutura orgânica deste Instituto e a mudança na atual Direção de Serviços de Língua e Cultura, criando-se duas direções de serviço - uma para as questões da língua e outra para a cultura.

O governante falou ainda na importância da criação de associações de professores em vários países onde a rede EPE é forte. Deu como exemplo as associações no Canadá, EUA, Venezuela e Reino Unido, afirmando que “são um apoio suplementar ao trabalho das Coordenações de Ensino”. Outra parceria importante é a que junta coordenações e associações de pós-graduados e cientistas portugueses nos EUA, Benelux, Reino Unido, França, Alemanha e Suíça, que garantem atividades de sensibilização à educação científica junto de alunos do EPE.

A combinação entre educação presencial e educação à distância é outra das vias de desenvolvimento do ensino do português, destacadas pelo Ministro dos Negócios Estrangeiros. Esta é uma realidade cada vez mais presente na Austrália, onde há “realmente muita procura, muito interesse pela língua portuguesa, seja por lusodescendentes, seja por causa de casamentos mistos, etc”, como deu a conhecer a Coordenadora do EPE naquele país. Susana Teixeira-Pinto acrescenta que esta procura é mais visível “em termos de plataformas onli-

ne”, por ser aquele um país ‘continente’, onde as distâncias são grandes. “Por isso penso que a realidade da Austrália vai passar pelo ensino do português à distância, através das plataformas online, quer para o ensino básico e secundário quer para o ensino de adultos”, sustenta a Coordenadora.

Dividido em vários painéis, o Encontro refletiu sobre o conceito de mediação, enquanto atividade que reduz a distância entre polos de alteridade, estabelecendo pontos de convergência e permitindo a criação de ligações transversais entre as várias línguas e disciplinas presentes nas escolas. Marisa Cavalli, investigadora associada ao Conselho da Europa, fez a ponte entre o conceito teórico de mediação e os contextos de intervenção dos docentes EPE.

Noutro painel, docentes da Alemanha, Luxemburgo e Suíça deram exemplos de boas práticas com a apresentação de projetos em curso em que as várias formas de mediação são relevantes. No Encontro foram ainda apresentados resultados de um programa desenvolvido pela investigadora Pascale Engel de Abreu, da Universidade do Luxemburgo, centrado no estímulo da oralidade em língua portuguesa junto de crianças em idade pré-escolar. O programa mediu o impacto no seu percurso escolar tendo-o considerado positivo não só no desenvolvimento da língua materna da criança como na aprendizagem de outras línguas.

No encerramento, o presidente do Camões, I.P., deixou uma palavra de agradecimento aos professores que participaram nesta terceira edição do Encontro. “A partilha de experiência e mútuo conhecimento é o que deve ser valorizado porque é justamente o objetivo do encontro de professores, tanto do ensino básico e secundário como do ensino superior, da rede de ensino português no estrangeiro. É uma rede de primeira grandeza no domínio da promoção e difusão da língua portuguesa”, elogiou Luís Faro Ramos.

O embaixador salientou alguns aspectos do que tem sido a atividade do Camões, I.P. na área da língua, revelando que entre 2015 e 2018, o número total de professores nos ensinos básico e secundário, entre a rede oficial e a rede apoiada, “subiu de 815 para 940” enquanto o número de alunos, no mesmo período, “passou de 67.684 para 69.738”. “Entre novembro de 2017 e março de 2018 tivemos mais cerca de mil alunos inscritos na rede. Cremos que estes números, que são positivos, podem aumentar significativamente e, sobretudo, fora da Europa. O potencial, do nosso ponto de vista, está longe de ser alcançado e há um trabalho de sensibilização da nossa diáspora a fazer nesse sentido”, defendeu. Por último, o Secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, José Luis Carneiro, apresentou um balanço do ano letivo que agora terminou, destacando os objetivos concretizados de melhoria das condições de trabalho dos docentes. O governante perspetivou os desafios para o ano letivo de 2018/2019, com a expansão da rede, respondendo à crescente procura do português.

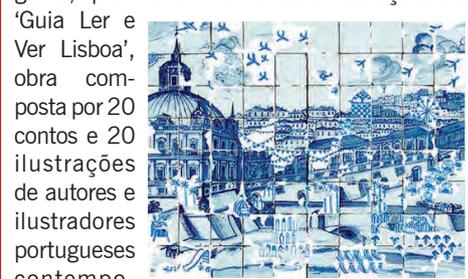


ATIVIDADES CULTURAIS

ALEMANHA

‘Ver Lisboa’ reúne serigrafias sobre a capital portuguesa

Até 30 de setembro, está patente na Leipziger Literaturverlag, em Leipzig, a exposição ‘Ver Lisboa’, numa iniciativa do Centro Português de Serigrafia em colaboração com o Camões, I.P. São 12 serigrafias sobre a capital portuguesa, produzidas pelo Centro Português de Serigrafia, que tiveram como base ilustrações do



‘Guia Ler e Ver Lisboa’, obra composta por 20 contos e 20 ilustrações de autores e ilustradores portugueses contemporâneos, criados a partir de traduções de contos dos escritores Patrícia Portela, Gonçalo M. Tavares e Kalaf Epalanga.

LUXEMBURGO

Mostra inédita de trabalhos de Vasco Futscher em cerâmica e papel

Numa iniciativa do Camões - Centro Cultural Português no Luxemburgo, estará patente naquele espaço até 3 de outubro, a exposição ‘Cousins Germaines’ de Vasco Futscher. Nesta primeira exposição no Luxemburgo, o artista apresenta trabalhos recentes em cerâmica e papel, inicialmente desenvolvidos como dois corpos independentes e que exploram afinidades e temas que os tornam próximos.



ÍNDIA

Portugal participa em evento sobre literatura

De 26 a 28 de setembro de 2018 vai decorrer em Nova Deli o evento Long Night of LiteratureS 2018. Portugal será representado por Suneeta Peres Costa, que falará sobre sua obra ‘Saudade’. O título da sua apresentação será ‘Saudade as a novella of the Indo-Portuguese diaspora’ (‘A Saudade como uma novela da diáspora Indo-Portuguesa’). Vai decorrer no Instituto Cervantes de Nova Deli, por ocasião da celebração do Dia Europeu das Línguas, em colaboração com a Delegação da UE e terá participações de cerca de dez Estados-Membros, bem como a interação com alunos nas universidades Jawaharlal Nehru e de Deli.



Amanda Abbasi



Philip Martins



Marina Jaeger



Cindy Vieira



Pedro Ferreira



Tanisha Patrick

17 ALUNOS CANADIANOS ESTIVERAM EM LISBOA PARA UM CURSO DE VERÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

“Este curso fez-me ter vontade de continuar a estudar português”

O Curso de Verão de Português Língua Estrangeira da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa existe há mais de oito décadas e recebe, anualmente, centenas de alunos de todo o mundo. Tem a duração de um mês e realiza-se sempre em julho, agosto e setembro, em regime intensivo, com aulas das 9h às 13h, de segunda a sexta. No mês passado foi ministrado a 330 alunos divididos por diversas turmas e com diferentes níveis de proficiência em português.

Este ano, e pela primeira vez, foi frequentado, em julho, por 17 estudantes universitários canadianos, maioritariamente oriundos da Universidade de Toronto e todos residentes naquela cidade. Têm entre 18 e 25 anos e são alunos de diferentes licenciaturas.

“Este curso permite uma imersão intensa na língua portuguesa a alunos de diferentes nacionalidades, que podem partilhar experiências e têm de usar o português como a língua veicular. Quando acabam o curso vão muito mais ricos”, destaca Nélia Alexandre, uma das coordenadoras do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa da Faculdade de Letras, no âmbito do qual são realizados os cursos de português na vertente de língua estrangeira.

O grupo de estudantes canadianos incluiu lusodescendentes, mas também de outras origens. Na sua maioria nunca tinham estudado português. “A vinda destes alunos à Faculdade de Letras de Lisboa para fazerem um curso de português é para mim um motivo de orgulho e de satisfação. Significa que já estamos a ter muito mais visibilidade do que tínhamos há uns anos atrás”, sublinha a coordenadora do ensino português no Canadá. Ana Paula Ribeiro destaca o facto de não serem alunos do Departamento de Português, mas de cursos de outros departamentos da Universidade de Toronto. “Isso só demonstra que já estão a ‘ver’ o português de uma forma diferente”, acrescenta.

A Universidade de Toronto tornou possível a presença destes 17 estudantes canadianos em Lisboa, ao abrigo dos *Summer Abroad Programs* (Programas de Verão no Estrangeiro), que aquela academia patrocina em diferentes países. “Pela primeira vez, conseguimos incluir Portugal, ou seja, não tinha havido ainda nenhum curso de verão para alunos em português ou num país de expressão portuguesa. E começamos por Portugal”, congratula-se Anabela Rato, professora assistente no Departamento de Espanhol e Português da Universidade de Toronto.

A proposta foi apresentada em 2017 por aquele departamento aos responsáveis pelo programa, mas o processo de aprovação foi de-



Alguns dos estudantes canadianos com Anabela Rato (em baixo, à esquerda), Ana Paula Ribeiro (centro) e Nélia Alexandre (centro)

morado e o curso concretizou-se, assim, este ano. Por ser o primeiro, Anabela Rato e Ana Paula Ribeiro não tinham uma perceção acerca da atenção que pudesse suscitar, mas as candidaturas superaram as expectativas iniciais. O departamento recebeu mais de 40 pedidos de estudantes e, dentre esses, foram selecionados 17 participantes. Em Lisboa, os alunos frequentaram uma disciplina de Língua Portuguesa do nível A1 ao nível B2, consoante a sua proficiência linguística. As aulas foram complementadas, na parte da tarde, com atividades culturais e visitas à cidade.

O curso é reconhecido pela Universidade de Toronto, que atribui aos alunos que o frequentam, um crédito correspondente ao de uma disciplina anual, já que o número de horas iguala o mesmo número de uma disciplina frequentada num ano letivo inteiro. “Isso é excepcional, porque conseguem fazer num mês aquilo que completariam durante um ano letivo, na universidade”, destaca Anabela Rato.

UM ‘MERGULHO’ NA LÍNGUA E CULTURA PORTUGUESAS

Mas este não foi um curso ‘fácil’. É o que garantem alguns dos estudantes.

Filha de uma portuguesa e de um iraniano, estudante da área de Humanidades e a iniciar a licenciatura em Psicologia, Amanda Abbasi, de 21 anos, aprendeu a falar português em casa e ‘treina’ a oralidade quando vem de férias à Lourinhã. Mas os conhecimentos de língua portuguesa ficam-se por aí, o que a fez sentir as dificuldades deste curso intensivo de um mês.

“Foi mais difícil do que estava à espera, porque saber falar e perceber o que me dizem não é o mesmo que saber as ‘regras de escrita’.

Mas adorei fazer este curso, fez-me ter vontade de continuar a estudar português”, assegura a estudante, acrescentando que agora terá ainda mais à vontade para “ver filmes em português e ler os livros de Fernando Pessoa”.

Marina Jaeger, 20 anos, natural do Brasil e a viver no estrangeiro desde os seis anos, tem em relação à língua portuguesa as mesmas dificuldades que Amanda Abbasi: fala de forma fluente, mas não consegue ler nem escrever. “Tenho facilidade em falar português, mas quanto à escrita e à leitura, comecei a desenvolvê-las neste curso de verão”, revela. E deixa Lisboa com a certeza de que o curso “valeu a pena”. Tendo vivido anteriormente na China e nos Emirados Árabes Unidos, Marina Jaeger tem uma visão universalista da língua portuguesa e da sua utilidade futura. Motivo pelo qual pretende inscrever-se numa disciplina de português no próximo ano letivo. “Vai dar-me a possibilidade de trabalhar em Portugal, no Brasil ou noutros países lusófonos”, garante.

Tenisha Patrick, 24 anos, estudante de Linguística, não tem ascendência portuguesa, mas o facto de viver num bairro de Toronto onde reside uma considerável comunidade lusa, aproximou-a de Portugal e da sua cultura. E fê-la agarrar a oportunidade de integrar este primeiro *Summer Abroad Program* realizado em Portugal.

“Achei que seria interessante ‘mergulhar’ na língua e na cultura portuguesas”, assume. Considerou o curso “difícil e intenso”, mas diz que teve muitas oportunidades de praticar tanto a escrita como a conversação e a leitura. E tem já agendada, para o próximo inverno, em Toronto, a frequência de um curso para melhorar a componente oral.

Já Cindy Vieira, 21 anos, vem de uma realidade diferente. Filha de portugueses, teve aulas de português numa escola associativa em Toronto durante sete anos. Fator que facilitou a frequência deste curso intensivo, mas também a fez perceber que já havia esquecido muito do que tinha aprendido. “Para uma pessoa que já não estudava português há oito anos, foi uma oportunidade de recordar muito do que tinha estudado e de aprender coisas novas, como as expressões idiomáticas, que adorei. Este curso foi tudo o que esperava e ainda mais”, assegura.

Pedro Ferreira, 22 anos, é também filho de portugueses e teve um percurso que passou pela escola portuguesa, frequentada até ao nono ano. Aluno de Estudos Europeus na Universidade Ryerson, voltou a estudar português naquela universidade ao optar pela sua língua de herança quanto teve que escolher um dos idiomas europeus como disciplina de curso. No seu caso, a aprendizagem da língua tem um objetivo profissional. “Pretendo trabalhar na área da diplomacia ou das relações internacionais e quero vir para a Europa fazer um mestrado. Poderá ser em Portugal e a fluência em português é fundamental”, revela.

Mas para Philip Martins, 19 anos, estudante de Engenharia Mecânica na Ryerson, foi uma razão familiar que o levou a inscrever-se: conhecer melhor a língua para poder conversar com os avós, que lhe ensinaram o pouco português que fala. “Os meus avós não falam inglês e quando contam histórias, falam da sua vida, da história da minha família, eu não consigo perceber tudo. Eles estão a envelhecer e eu sinto que estou a ficar sem tempo”, lamenta. Este curso foi o primeiro passo no objetivo de se tornar mais fluente e Philip confessa que “foi exatamente aquilo que estava à procura”. O percurso continuará agora através de uma prática constante da língua e pela possível frequência de aulas de português.

Para Anabela Rato este é um dos objetivos deste curso. “A nossa esperança é que no regresso à universidade, procurem o Programa de Português e se motivem a continuar a estudar a língua portuguesa, já que chegam a casa com uma base de conhecimento da língua”.

A Universidade de Toronto oferece três opções de ensino de língua portuguesa com diferentes níveis de especialização: o *specialist*, com 11 disciplinas, que será idêntico a uma licenciatura de Bolonha; o *major*, que inclui sete a oito disciplinas; o *minor*, com quatro disciplinas. Há ainda alunos a frequentar aulas do programa de Português, como disciplina opcional do seu respetivo curso.